

Nietzsche e a ideia do professor como um “mal necessário”

Djalma Lopes da Silva*

Resumo: O objetivo deste artigo é expor a crítica de Nietzsche aos estabelecimentos de ensino de sua época, que, segundo ele, eram espaços onde predominava uma educação que formava apenas para o funcionalismo e para o lucro, o que poderia sufocar a possibilidade de uma educação voltada para a “verdadeira cultura”; bem como refletir sobre a afirmação feita por ele, no aforismo 282 de “O andarilho e sua sombra”, de que o professor seria um mal necessário.

Palavras-chave: Friedrich Nietzsche; Alemanha; educação; professor.

Nietzsche and the idea of the teacher as a necessary evil

Abstract: The objective of this article is to expose the criticism of Nietzsche on educational institutions of his time, which, according to him, were spaces only focusing on an education aiming mainly on functionalism and profit, which could stifle the possibility of an education for the “real culture”; as well as to reflect on the statement made by him in the aphorism 282 of “The Wanderer and his Shadow” that the teacher would be a necessary evil.

Key words: Friedrich Nietzsche; Germany; education; teacher.

Introdução

Nietzsche possuía uma indiscutível vocação pedagógica, habilidade que foi se formando ao longo de sua vida e se evidenciando em seus escritos. Sua preocupação com o problema da educação alemã – questão importante para a compreensão de seu pensamento como um todo – está presente nas obras, nos escritos e nos fragmentos póstumos produzidos no período de juventude, e mesmo depois, já na sua plena maturidade. No entanto, o período em que Nietzsche mais escreve sobre o problema da educação alemã é em sua fase inicial, compreendida entre os anos de 1870 e 1876.¹ De

* Doutorando em Filosofia pelo PPGF-UFRJ e professor do Instituto Federal Fluminense. Quissamã, RJ, Brasil. Contato: djalma.silva@iff.edu.br

¹ Cabe aqui fazer uma observação em relação à cronologia dos textos de Nietzsche. Neste artigo, tomamos por horizonte a divisão da obra nietzschiana em três períodos, assim como Scarlett Marton e Oswaldo Giacoia fazem em seus textos: o primeiro período estaria situado, aproximadamente, entre os anos de 1870 e 1876; o segundo entre 1876 e 1882; e o terceiro e último período entre 1882 e 1889, ano em que os sucessivos problemas de saúde interromperiam definitivamente as atividades filosóficas de Nietzsche.

maneira geral, os textos produzidos nesse período expõem suas teses sobre o declínio da cultura e da educação alemãs, que estariam totalmente atreladas ao Estado, numa situação de dependência total, como aponta um dos escritos póstumos produzidos nessa época:

Cultura e subordinação. Isso é novo. O Estado como guia da cultura e da educação. Nele atuam os elementos opostos à verdadeira cultura: ele conta com o grande formato, ele forma para o seu uso próprio a massa de jovens professores.²

Na Alemanha oitocentista, predominavam os pressupostos iluministas, que sugeriam a defesa de alguns pontos cruciais para o desenvolvimento da crítica nietzschiana, entre os quais, podemos citar: a ideia de que a cultura e a educação deveriam ficar ao encargo do Estado; a necessidade de tornar o ensino obrigatório e gratuito; e também o surgimento de uma espécie de orientação prática, voltada para as ciências, técnicas e ofícios, em detrimento de uma educação humanística. De acordo com Rosa Dias, Nietzsche percebeu “estar diante de um sistema educacional que abandonara uma formação humanista em proveito de uma formação cientificista”, e acrescenta:

[...] a conseqüente vulgarização do ensino tinha por objetivo formar homens tanto quanto possíveis úteis e rentáveis, e não personalidades harmoniosamente amadurecidas e desenvolvidas. Atento a tudo que se relacionava à educação, Nietzsche decidiu denunciar os “métodos antinaturais de educação” e as tendências que a minavam.³

A implantação desse ideário trouxe consigo a necessidade de ampliação do número de estabelecimentos de ensino e, conseqüentemente, do número de professores. Mas de onde viria essa necessidade? Ela se justificaria pelo fato de que o Estado teria como uma de suas principais preocupações a formação de um maior número de jovens, no menor tempo possível, para ocupar cargos no funcionalismo público e privado. Dito de forma simples, ao tornar a cultura e a educação acessível a um maior número de pessoas, a intenção do Estado seria a de suprir e servir a si mesmo no menor tempo possível. Surge então, como um dos resultados mais trágicos desse processo, a uniformização da cultura e da educação. Ao que parece, a preocupação de Nietzsche se justifica pelo fato de que o excessivo número de professores a serviço do Estado acabaria por reforçar a tendência de uma educação que formaria apenas para o funcionalismo e

² NIETZSCHE, F. *Digitale Kritische Gesamtausgabe Werke und Briefe* (eKGWB), *Fragmento Póstumo* (FP) 8[65], inverno de 1870-71 – outono de 1872.

³ DIAS, Rosa. *Nietzsche educador*, p. 16.

para o lucro, o que poderia sufocar a possibilidade de uma educação voltada para a “verdadeira cultura”.⁴ Além disso, tal postura faz com que os estabelecimentos de ensino assumam o papel de serem para o Estado os responsáveis por instituir um determinado tipo de sociedade e um determinado ritmo e *modus* social. Não por acaso, nas conferências que compõem o escrito inacabado *Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino*, proferidas entre janeiro e março de 1872, no Akademisches Kunstmuseum da Basileia, e na *III Consideração extemporânea: Schopenhauer como educador*⁵, escrita em 1874, Nietzsche defende a ideia de que a educação, a cultura e a filosofia deveriam se desvincular do Estado. Nesses textos, ele condena a modernização pedagógica operada na educação alemã de sua época e aponta para uma reformulação dos objetivos, dos métodos, dos conteúdos e das formas do processo pedagógico, considerando, especificamente, as relações didáticas entre professor e aluno; além disso, indica e reforça a função estratégica da filosofia e da exemplaridade dos chamados “homens superiores” em tudo que está relacionado à educação intelectual e moral dos indivíduos.⁶

Nietzsche sempre prezou, enquanto foi professor na Universidade e no Pädagogium da Basileia, pelo ensino da antiguidade clássica aos seus alunos, levantando para eles os grandes problemas da existência e mostrando a eles a importância fundamental do pensamento filosófico.⁷ Ele acreditava que a filosofia deveria nortear os processos educacionais que envolviam os jovens, e não ser a imitação de filosofia que era encontrada nos estabelecimentos de ensino da época, que privilegiavam conhecimentos particulares e específicos em prol do que ele chama de “incultura”⁸. Ao denunciar essa

⁴ “Acredito ter observado de que lado é mais claro o apelo à extensão, à ampliação máxima da cultura. Esta extensão é um dos dogmas da economia política [...]. Temos aqui, como objetivo e fim da cultura a utilidade, ou, mais exatamente, o lucro, o maior ganho de dinheiro possível”. NIETZSCHE, F. *Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino*, 1ª conferência, p. 72; “Toda educação que deixa vislumbrar no fim de sua trajetória um posto de funcionário ou um ganho material não é uma educação para a cultura tal como a compreendemos, mas simplesmente uma indicação do caminho que podem percorrer para o indivíduo se salvar e se proteger na luta pela existência”. Ibidem, 4ª conferência, p. 122.

⁵ Entre os anos de 1872 e 1876, Nietzsche escreveu quatro Considerações extemporâneas: *David Strauss como apóstolo e escritor*; *Da utilidade e dos inconvenientes da história para a vida*; *Schopenhauer como educador*; e *Richard Wagner em Bayreuth*.

⁶ CORREIA, Noéli. *A pedagogia de Nietzsche*, p. 11.

⁷ Nietzsche nutria uma grande admiração pela antiguidade clássica. Em seus textos, ele constantemente faz elogios como esse, de um fragmento póstumo do final de 1870: “Os filósofos gregos são modelos para nós”. NIETZSCHE, eKGWB, FP 7[74], final de 1870 – abril de 1871.

⁸ Nietzsche afirma que a cultura alemã de sua época não é boa para ninguém e que não se furta a “jamais à tarefa de descrever essa incultura. E isto precisamente, em relação aos domínios onde se *deveria* aprender algo da Antiguidade, caso se pudesse fazê-lo em geral [por exemplo, escrever, falar etc.]”. Ibidem, FP 3[37], março de 1875.

condição de submissão da cultura e da educação ao Estado, Nietzsche expõe a forma lamentável como a cultura clássica e a filosofia eram tratadas dentro dos estabelecimentos de ensino alemães:

Situação ridícula da cultura clássica: o Estado tem interesse no esparciata “profissional”, assim como em matéria de filosofia, ele exige ou a única filosofia profissional e filológica, ou a filosofia panegírica do Estado.⁹

O “esparciata profissional”, o “professor de profissão”¹⁰, ou melhor, o “filisteu da cultura”¹¹ – expressão utilizada por Nietzsche, de forma irônica, para se referir ao falso “homem de cultura” que predominava em sua época – seria um dos maiores responsáveis pela disseminação dessa “incultura”, que privilegia o ensino de disciplinas especializadas em detrimento da filosofia e da cultura clássica. No entanto, como sugere Nietzsche, é “preciso dar relevância à *leitura* dos Antigos”¹². “Alguns anos de Helenidade”¹³ são fundamentais, sobretudo quando falamos da ideia de uma cultura superior.¹⁴ Não por acaso, na apresentação do livro intitulado *Escritos sobre a educação*, Noéli Correia defende a ideia de que:

A afirmação da filosofia como estratégia e da cultura clássica como exemplo é a contrapartida direta da sua crítica às disciplinas especializadas como sendo incapazes, por causa mesmo da sua natureza e limites, de lidar com os verdadeiros problemas da cultura, que são os problemas da existência. A divisão do trabalho científico e a “atomização do conhecimento”, segundo Nietzsche, traziam como resultado a ruptura entre conhecimento e civilização [...].¹⁵

Somente a filosofia poderia desfazer essa ruptura, integrando o conhecimento à vida¹⁶; somente a filosofia poderia desenvolver uma cultura profunda e rara, restringindo e concentrando a esfera da cultura, defende Nietzsche.¹⁷ Esta postura seria uma exigência que a própria modernidade fazia a si própria, já que as circunstâncias da época tornavam

⁹ Ibidem, FP 8[65], inverno de 1870-71 – outono de 1872.

¹⁰ Ibidem, FP 14[15], primavera de 1871 – início de 1872.

¹¹ NIETZSCHE, *I Consideração extemporânea: David Strauss como apóstolo e escritor*, p. 21.

¹² NIETZSCHE, eKGWB, FP 5[144], primavera-verão de 1875.

¹³ De acordo com Nietzsche, a cultura só seria possível “depois de experiências, de eventos, da aquisição de visões do mundo. ‘Alguns anos de Helenidade’”. Ibidem, FP 5[9], setembro 1870 – janeiro 1871.

¹⁴ “Esta cultura superior, eu não a reconheço até agora senão como o renascimento da *Helenidade*”, afirma Nietzsche em um fragmento póstumo. Ibidem, FP 14 [25], primavera de 1871 – início de 1872.

¹⁵ CORREIA, Noéli. *A pedagogia de Nietzsche*, p. 27.

¹⁶ NIETZSCHE, eKGWB, FP 19[172], verão de 1872 – início de 1873.

¹⁷ “Contra a aspiração de uma ‘cultura geral’, buscar antes uma cultura profunda e rara, portanto, uma *restrição* e uma concentração da cultura [...]”. Ibidem, FP 9[64], 1871.

as reivindicações por uma cultura clássica e uma sabedoria clássica – entendidas por ele como as verdadeiras cultura e sabedoria – totalmente cabíveis.¹⁸

Como foi destacado no início do texto, as considerações nietzschianas sobre a decadência da cultura alemã estão presentes não apenas nos escritos de sua juventude, mas ao longo de toda sua obra. Contudo, é na fase mais madura de seu pensamento que suas críticas adquirem um tom muito mais radical. Esse radicalismo aparece de forma bem clara em *Crepúsculo dos ídolos*, obra de 1888. No aforismo 4 do capítulo VIII deste livro, intitulado “O que falta aos alemães”, e que trata da relação entre cultura e Estado, Nietzsche afirma:

A cultura e o Estado – não haja engano a respeito disso – são antagonistas: “Estado cultural” é apenas uma ideia moderna. Um vive do outro, um prospera à custa do outro. Todas as grandes épocas da cultura são tempos de declínio político: o que é grande no sentido cultural é apolítico, mesmo *antipolítico*.¹⁹

A ideia de “Estado cultural” alemão – no qual a educação, a cultura e a filosofia ficam totalmente submetidas ao Estado – seria algo totalmente moderno. Como o próprio Nietzsche faz questão de destacar, o declínio da educação e cultura alemãs tem uma razão evidente: cultura e Estado atuam em sentidos opostos, um vive a expensas do outro. Essa falsa ideia de que o desenvolvimento da cultura estaria diretamente ligado ao desenvolvimento do Estado serve apenas para sustentar o poder e os interesses deste, pois um processo pedagógico que forma alunos e professores para o serviço do Estado ou para o atendimento do mercado jamais formará homens livres e cultivados, ou seja, “homens superiores”²⁰. Na realidade, às épocas de grande fertilidade cultural correspondem épocas de decadência política. De acordo com Nietzsche, a ascensão do *Reich* na Alemanha é um bom exemplo no sentido de nos auxiliar a evidenciar a falsidade dessa tese que atrela a elevação da cultura à elevação do Estado, pois:

Na história da cultura europeia, a ascensão do *Reich* significa sobretudo uma coisa: uma *mudança do centro de gravidade*. Em toda parte se sabe: no principal – que continua sendo a cultura – os alemães já não são considerados. As pessoas perguntam: vocês têm ao menos *um* espírito que *conte* para a Europa?²¹

¹⁸ “A reivindicação de uma *cultura clássica* é algo totalmente moderno, e uma subversão da tendência do liceu”, afirma Nietzsche. Ibidem, FP 14[15], primavera de 1871 – início de 1872.

¹⁹ NIETZSCHE, *Crepúsculo dos ídolos* (CI), VIII, “O que falta aos alemães”, § 4, p. 58.

²⁰ “Na Alemanha falta aos homens superiores um grande meio de educação: a risada dos homens superiores; estes não riem na Alemanha”. NIETZSCHE, *A gaia ciência* (GC), III, § 177, p.167.

²¹ NIETZSCHE, CI, VIII, “O que falta aos alemães”, § 4, p.58.

Onde estariam os grandes pensadores alemães? Como seria possível produzir um novo Goethe, outro Heine ou Schopenhauer²² – “espíritos alemães” que teriam sido importantes para a história da cultura europeia – se o sistema educacional alemão tinha perdido sua finalidade, assim como os meios para se atingir essa finalidade? Segundo Nietzsche, não era o *Reich* que deveria ser a finalidade última do sistema educacional, mas a educação, a formação dos jovens alemães: “Esqueceu-se que educação, *formação* é o fim – e não ‘o *Reich*’ [...]”²³. Aprender a pensar, isto era fundamental:

[...] o pensar deve ser aprendido, tal como a dança deve ser aprendida, *como* uma espécie de dança... Quem, entre os alemães, ainda conhece por experiência o sutil calafrio que os *pés ligeiros* em coisas espirituais transmitem a todos os músculos? [...] não se pode excluir a *dança*, em todas as formas, da *educação nobre*, saber dançar com os pés, com os conceitos, com as palavras; ainda tenho que dizer que é preciso saber dançar com a *pena* – que é preciso aprender a *escrever*?²⁴

O problema é que nos estabelecimentos de ensino alemães não se tinha a mínima ideia do que seria isso, alega Nietzsche. Para ele, a lógica, a teoria, a prática e a técnica de pensar desapareciam nestes lugares.²⁵ Como o autor destaca no texto citado acima, pensar é como dançar, no sentido de saber dançar com os pés, com as ideias, com as palavras e com a pena, pois também é preciso aprender a escrever. Mas para atingir este fim eram necessários “educadores”. Estes deveriam, antes de tudo, educar a si próprios, ser superiores em matéria de espírito, ser “nobres, provados a cada momento, provados pela palavra e pelo silêncio, de culturas maduras, tornadas *doces*”²⁶. Eles seriam a primeira condição para uma verdadeira educação. Porém, nos estabelecimentos de ensino alemães, não havia mais educadores no sentido próprio do termo: “[...] não se compra com este nome senão pessoas que não são elas próprias educadas. Há professores, mas não educadores”²⁷. Portanto, deveríamos ver o professor como um mal necessário, defende Nietzsche, no aforismo 282 de “O andarilho e sua sombra”, texto do período

²² Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832): poeta, escritor e cientista alemão; Heinrich Heine (1797-1856): poeta, ficcionista e crítico alemão; Arthur Schopenhauer (1788-1860): filósofo alemão.

²³ NIETZSCHE, CI, VIII, “O que falta aos alemães”, § 5, p. 58.

²⁴ Ibidem, § 7, p. 61.

²⁵ “Os professores de filosofia não ensinam mais qualquer saber-fazer, nem mesmo a arte da disputa. A lógica, tal como ela é ensinada, é totalmente inútil. Mas estes professores são jovens demais para serem outra coisa senão demonstradores científicos: como poderiam eles educar para a sabedoria?”. NIETZSCHE, eKGWB, FP 30[21], outono de 1873 – inverno 1873-1874.

²⁶ NIETZSCHE, CI, VIII, “O que falta aos alemães”, § 5, p. 58.

²⁷ NIETZSCHE, eKGWB, FP 19[61], outubro-dezembro de 1876.

intermediário de sua obra.²⁸ Era preciso suprimi-los, torná-los o menor número possível entre “os espíritos produtivos e os espíritos famintos e receptivos”:

Pois os *mediadores* falseiam quase automaticamente a nutrição que transmitem: e querem, como pagamento por sua intermediação, muita coisa *para si*, que então é tirada dos espíritos originais, produtivos: a saber, interesse, admiração, tempo, dinheiro, etc. – Portanto: veja-se o *professor* como um mal necessário, exatamente igual ao comerciante: como um mal que devemos tornar o *menor* possível! – Se a miséria das condições alemãs atuais talvez tenha sua principal razão no fato de muitos quererem viver – e viver bem – do comércio (ou seja, de procurarem diminuir ao máximo os preços do produtor e subir ao máximo os preços para o consumidor, beneficiando-se da máxima desvantagem de ambos): então podemos ver no grande número de professores uma das principais razões da miséria intelectual: por causa disso aprende-se tão pouco e tão mal.²⁹

A presença de um número excessivo de “filisteus da cultura” nos estabelecimentos de ensino, esses falsos eruditos que se dizem professores, essa massa de homens sem vocação para a profissão, seres dotados de uma cultura especializada e estreita, desejosos de lucro e promoções, e que estariam preocupados apenas em educar para a conformidade e a submissão ao Estado, seria, talvez, um dos principais motivos que teriam levado Nietzsche a fazer a afirmação de que o professor é um mal necessário. Ao que parece, essa afirmação implicaria no seguinte: na Alemanha de sua época, os professores podiam ser um mal, contudo, eles constituíam um tipo necessário. Mas por quê?

O professor como um “mal”

Embora necessário no processo pedagógico, estritamente na relação ensino/aprendizagem, o professor era visto por Nietzsche como um mal; e um mal que deveria se tornar o menor possível, pois quanto maior o seu número, maior ainda seria a presença de homens sem vocação no magistério; homens que acabariam, infelizmente, contaminando a formação e a transmissão da cultura entre os jovens, na medida em que colocariam em andamento práticas e procedimentos que apenas ratificariam os objetivos integradores da educação ministrada pelo Estado.

²⁸ Nietzsche publicou “O andarilho e sua sombra” em 1880, como segunda continuação de *Humano, demasiado Humano*. Já a primeira continuação, intitulada “Opiniões e sentenças diversas”, fora publicada no ano anterior, em 1879.

²⁹ NIETZSCHE, *Humano, demasiado humano* (HH), “O andarilho e sua sombra”, § 282, p. 287.

Com a modernização pedagógica, a educação alemã tornou-se submissa aos interesses do Estado e, conseqüentemente, todo processo pedagógico realizado nos estabelecimentos de ensino buscava atender estes interesses, isto é, formar e tornar útil para o Estado, com a menor perda possível de tempo, um grande número de homens jovens. Daí poder-se afirmar, segundo Jorge Larrosa, que essa política educacional era claramente orientada no sentido das grandes massas.³⁰ Para realizar o objetivo de tornar a educação acessível ao maior número de pessoas, era necessário um grande número de estabelecimentos de ensino e de professores. Esses estabelecimentos deveriam formar para o funcionalismo e/ou para o lucro. Os professores, enquanto peças chave na relação ensino/aprendizagem, eram, portanto, os responsáveis por colocar em andamento as práticas e os procedimentos que efetivariam os objetivos do Estado, disseminando uma cultura universal, integradora, totalmente voltada para o bem comum.

O professor era um “mal”, pois não era capaz de alcançar uma visão abrangente e real a respeito da vida e do mundo, tal como Nietzsche acreditava ser possível através do ensino da cultura clássica aos jovens. Pelo contrário, o professor sequer procurava estabelecer um sentido ou visar a um objetivo que o levasse para além da sua especialidade e da sua profissão remunerada, eles eram apenas intermediários que falseavam quase automaticamente o conhecimento que transmitiam.³¹ Seduzidos pela possibilidade que o Estado oferecia, no sentido de alcançar um número muito importante de postos, títulos ou condecorações oficiais, esses “filisteus da cultura” estavam muito mais preocupados com a estabilidade profissional e financeira do que com qualquer outra coisa. Isso os levava a acolher de forma ainda mais estrita os propósitos do Estado:

Através desse professorado mantido em xeque fisicamente e espiritualmente, toda a juventude da nação é, tanto quanto possível, erguida a uma certa altura cultural, útil ao Estado e adequadamente graduada: mas, sobretudo, quase imperceptivelmente se transmite, aos espíritos imaturos e ávidos de honra de todas as classes, a mentalidade de que apenas uma orientação de vida reconhecida e homologada pelo Estado acarreta uma pronta *distinção* social.³²

Graças aos “filisteus da cultura”, esse professorado material e moralmente mantido sob controle, toda a juventude da Alemanha era conduzida a certo nível de

³⁰ De acordo com Larrosa, Nietzsche defendia a “impossibilidade de qualquer educação que passe pelo funcionamento homogêneo e homogeneizador de um sistema de massas”. LARROSA, Jorge. *Nietzsche e a Educação*, p. 39.

³¹ NIETZSCHE, HH, “O andarilho e sua sombra”, § 282, p. 287.

³² *Ibidem*, “Opiniões e sentenças diversas”, § 320, p. 134-135.

cultura útil ao Estado e formada em conformidade com este objetivo: era transmitida a mentalidade de que somente uma carreira reconhecida e selada pelo Estado acarretaria uma distinção social. Tais professores, portanto, não eram bons para ninguém. Eles transmitiam uma “incultura”, na qual importava o máximo possível de conhecimento, “portanto o máximo de produção e necessidades possível –, portanto o máximo de felicidade possível: – eis mais ou menos a fórmula”, afirma Nietzsche.³³ De acordo com essa perspectiva, a finalidade da educação e da cultura seria a utilidade, ou, mais precisamente, o lucro. Aqui, vemos transparecer claramente a crítica de Nietzsche a um ideal muito em voga na sua época: trata-se do princípio da máxima felicidade, apresentado pelo filósofo inglês Jeremy Bentham (1748-1832) na obra intitulada *Uma introdução aos princípios da moral e da legislação*. Bentham é considerado o fundador da doutrina filosófica conhecida como *Utilitarismo*, segundo a qual o mais elevado objetivo da educação e da cultura seria maximizar a felicidade e a utilidade.³⁴ De acordo com Michael Sandel, Bentham acreditava que “a coisa certa a fazer é aquela que maximizará a utilidade”, definindo como “utilidade” qualquer coisa que produza prazer ou felicidade e que evite a dor ou o sofrimento.³⁵ No entanto, para Nietzsche, esse princípio da máxima utilidade e felicidade atuaria no sentido da massificação (ampliação) e da mediocrização (redução) da cultura, tendências contra as quais o filósofo se voltava de forma cada vez mais radical em suas críticas sobre a educação alemã.

Para Nietzsche, a tendência utilitarista de valorizar a formação de indivíduos cada vez mais aptos a extrair da vida a maior quantidade possível de felicidade e lucro tornava a busca pela chamada “cultura superior” algo cada vez mais raro. Reforçando esse diagnóstico acerca da decadência da educação alemã, Larrosa afirma, em *Nietzsche e a educação*, que os estabelecimentos de ensino daquela época, incluindo as universidades, não ensinavam a estudar; segundo ele, nesses espaços, o estudo, a humildade e o silêncio do estudo não eram sequer permitidos.³⁶ Se ninguém mais estudava, como aponta Larrosa, de que maneira seria possível, então, estimular o desenvolvimento de uma cultura completa, superior? Na realidade, não havia, na Alemanha, escola que colocasse isto como tarefa, defende Nietzsche.³⁷ Não existia um grande meio de educação para o

³³ NIETZSCHE, *Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino*, 1ª conferência, p. 72.

³⁴ BENTHAM, Jeremy. *Uma introdução aos princípios da moral e da legislação*, p. 3.

³⁵ SANDEL, Michael J. *Justiça: o que é fazer a coisa certa?*, p. 48.

³⁶ LARROSA, Jorge. *Nietzsche e a Educação*, p. 15.

³⁷ “As nossas escolas indicam a via de uma *divisão do trabalho* ainda mais acentuada. A *cultura completa* seria, portanto, sempre mais raramente buscada: não há escola que se coloque isto como tarefa. Não se sabe

homem superior, que possibilitasse uma cultura superior: “Na Alemanha falta aos homens superiores um grande meio de educação [...]”³⁸. O alto número de estabelecimentos de ensino e de professores não era compatível com esta tarefa: o grande número de escolas de “alto nível” era incompatível com a formação de homens selecionados, assim como o grande número de professores era incompatível com a transmissão de uma cultura elevada.³⁹ A maioria dos professores não tinha sequer vocação para a profissão⁴⁰, o que era extremamente prejudicial à tarefa fundamental da educação, a saber, a formação e a transmissão da cultura entre os jovens.

O professor como um tipo “necessário”

Se a miséria da educação reside em práticas pedagógicas que visam a utilidade e o lucro, assim como no grande número de estabelecimentos de ensino e de professores sem vocação – que querem viver bem dessa profissão e acabam por se deixar corromper pelas vantagens oferecidas pelo Estado, e, justamente por isso, agem em detrimento da educação, não guiando seus alunos para o conhecimento, mas sim para a cultura universal, jornalística –, por que, ainda assim, o professor constituía um tipo “necessário” para Nietzsche?

De acordo com o filósofo, o professor deve educar, isto é, formar. Mas o que seria esse “formar”? Seria fazer “compreender imediatamente tudo o que se viu através de fantasmas determinados”⁴¹. Mas o que seriam esses “fantasmas determinados”? Seriam as representações suscitadas pelo professor na consciência dos alunos. Porém, a tarefa educativa do professor não consistiria somente em suscitar determinadas representações na consciência dos alunos, afirma Correia.⁴² Segundo o autor, é preciso fazê-los perseguir

mesmo mais onde se dirigir quando se procura um material de ensino para esta cultura completa”. NIETZSCHE, eKGWB, FP 14[25], primavera de 1871 – início de 1872.

³⁸ NIETZSCHE, GC, III, § 177, p. 167.

³⁹ Para Nietzsche, “é preciso que sejamos unânimes a este respeito: para alcançar realmente a cultura, a própria natureza não destinou senão um número infinitamente restrito de homens, e, para o feliz desenvolvimento destes, basta um número muito mais restrito de estabelecimentos de ensino superior [...]”. NIETZSCHE, *Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino*, 3ª conferência, p. 103.

⁴⁰ Quanto a essa ausência de vocação, Nietzsche afirma: “[...] pobres mestres tão numerosos, a quem a natureza não concedeu dons para uma verdadeira cultura, e que chegaram mesmo à pretensão de fazer as vezes de mestres da cultura, só porque os impulsiona a necessidade de ganhar o pão de cada dia e porque o excessivo número de escolas exige para si um excessivo número de mestres [...]”. Ibidem, p. 112-113.

⁴¹ NIETZSCHE, eKGWB, FP 5[106], setembro de 1870 – janeiro de 1871.

⁴² CORREIA, Noéli. *A pedagogia de Nietzsche*, p. 31.

a sua decifração; é preciso fazê-los ver e compreender o que se oculta nos “fantasmas” das suas representações, pois, para Nietzsche, “a *educação* é um assunto do intelecto e, portanto, *possível* até certo ponto”⁴³. A educação deveria ser, portanto, uma eterna produção desses “fantasmas”, dessas imagens energéticas suscitadas e transmitidas pelo professor. A consideração do valor das representações é aqui o que pode determinar o valor de uma cultura ou de um processo pedagógico.⁴⁴ Como afirma Nietzsche: “Toda *criação de uma nova cultura*” se dá através das “naturezas fortes e exemplares, nas quais os fantasmas são engendrados novamente”⁴⁵. Logo, pode-se dizer que os professores com personalidade mais forte devem possuir a energia necessária para comunicar e transferir para os seus alunos estas “representações fantasmáticas”⁴⁶, e, nesta medida, pode-se dizer também que o processo educacional “depende da grandeza moral e do caráter do professor”⁴⁷.

No entanto, em um fragmento póstumo, Nietzsche chama a atenção para o fato de que os próprios professores também precisam receber uma educação adequada a seu ofício, pois, para possibilitar o surgimento de uma “aristocracia espiritual”, é preciso, antes de tudo, começar pelas “*instituições de cultura e educação para professores*”; é preciso criar “*escolas de cultura e educação [...] para a cultura e educação dos professores*”⁴⁸. Além disso, eles deveriam ser maduros, quer dizer, não deveriam ser jovens, pois, como o próprio Nietzsche afirma: “Dar ensino é um dever do homem de idade”⁴⁹. Não se trata aqui, absolutamente, de um ensino técnico do magistério, mas de uma ambientação mais demorada e profunda com os grandes criadores da cultura, num processo de autocultivo que possa levar à criação de uma “aristocracia espiritual”⁵⁰. O professor somente será um verdadeiro guia e pensador quando estiver já suficientemente formado e consciente da sua própria experiência individual.⁵¹ Daí Nietzsche sugerir a criação de uma escola para os educadores, que, segundo Dias, seria uma instituição completamente desvinculada do Estado, uma espécie de “universidade livre”, na qual

⁴³ NIETZSCHE, eKGBW, FP 5[106], setembro de 1870 – janeiro de 1871.

⁴⁴ CORREIA, Noéli. *A pedagogia de Nietzsche*, p. 32.

⁴⁵ NIETZSCHE, eKGBW, FP 5[107], setembro de 1870 – janeiro de 1871.

⁴⁶ “Estas *representações fantasmáticas* somente são comunicadas pela *energia das personalidades*”. Ibidem, FP 5[106], setembro de 1870 – janeiro de 1871.

⁴⁷ Ibidem.

⁴⁸ Ibidem, FP 9[70], 1871.

⁴⁹ Ibidem.

⁵⁰ Ibidem, FP 14[25], primavera de 1871 – início de 1872.

⁵¹ “Um dia, quando há muito tempo estamos educados [...], *descobrimos a nós mesmos*: começa então a tarefa do pensador, é tempo de solicitar-lhe ajuda – não como um educador, mas como um auto-educado que tem experiência”. NIETZSCHE, HH, “O andarilho e sua sombra”, § 267, p. 279.

todos trabalhariam juntos, servindo de professores uns aos outros, e se dedicariam a renovar a cultura da época.⁵² Mas qual seria o sentido dessa proposta? De onde viria essa ideia sobre uma “*escola dos educadores*”? De acordo com Paolo D’Iorio, Nietzsche afirma, em um fragmento póstumo do final de 1876, que esta ideia se basearia na constatação de que os educadores alemães de sua época não eram eles próprios educados, de que a necessidade deles se fazia cada vez maior, mas a qualidade era cada vez mais medíocre.⁵³

Nessas escolas para educadores, os professores amadureceriam e se tornariam capazes de compreender que a primeira tarefa do professor é colocar seus alunos em guarda contra si mesmos⁵⁴, tanto no que diz respeito à sua juventude, quanto no sentido de livrá-los de uma admiração prematura e irrefletida em relação a seus mestres e guias.⁵⁵ Dito de outro modo, a tarefa do verdadeiro mestre seria a de “purificar a cultura” e despertar nos alunos a força diante da visão das “novas tendências” que deveriam superar a mediocridade de então.⁵⁶ Além disso, Correia aponta para o fato de que Nietzsche exigia certo rigor na relação pedagógica entre professor e aluno, uma vez que nem o primeiro deveria ser “tão complacente e indiferente a ponto de se isentar na prática de sua tarefa educativa”, nem o segundo deveria ser “conservado na sua jovem tagarelice pretensiosa a propósito de qualquer coisa”⁵⁷. Dessa forma, a relação professor-aluno exigia uma atenção especial ao “indivíduo” e ao desenvolvimento de todas as suas capacidades, no sentido de promover nos jovens uma harmonia tal que neles fizesse crescer as forças ainda “imberbes” que carregavam e fizesse, por outro lado, diminuir as forças predominantes que os contaminavam, acrescenta Noéli.⁵⁸ Daí a função precisa dos exames no processo

⁵² “O que importava era preservar a cultura alemã [...]. Nietzsche lembra-se então da Alemanha, a sociedade literária que criara com Carl von Gersdorff e Paul Deussen, nos tempos de ginásio, e pensa em organizar, nesses mesmos moldes, [...] uma ‘escola para educadores’, onde os amigos serviriam de professores uns aos outros, discutiriam e trabalhariam juntos pela cultura alemã”. DIAS, Rosa. *Nietzsche educador*, p. 34; “Nessa pequena comunidade de amigos [...], seria praticada uma educação mútua e se usariam os livros escritos pelos membros da comunidade como anzóis, a fim de atrair novos adeptos para a confraria de amigos. Edificariam a ‘escola de educadores’, a ‘universidade livre’, na qual cada um poderia educar-se a si mesmo”. *Ibidem*, p. 48.

⁵³ D’IORIO, Paolo. *Nietzsche na Itália: a viagem que mudou os rumos da filosofia*, Cap. 2, p. 60-61; NIETZSCHE, eKGWB, FP 23[136], final de 1876 – verão de 1877.

⁵⁴ “Faz parte da humanidade de um mestre advertir seus alunos contra ele mesmo”. NIETZSCHE, *Aurora* (AU), V, § 447, p. 231.

⁵⁵ CORREIA, Noéli. *A pedagogia de Nietzsche*, p. 33.

⁵⁶ Em um fragmento póstumo do início de 1880, Nietzsche fala sobre a tarefa de “purificar a cultura”, ideia que pode ser tomada no sentido de superar a mediocridade cultural que predominava até então. NIETZSCHE, eKGWB, FP 1[33], início de 1880.

⁵⁷ CORREIA, Noéli. *A pedagogia de Nietzsche*, p. 33.

⁵⁸ *Ibidem*, p. 34.

pedagógico: eles disciplinam, orientam e submetem os impulsos e a atenção dos alunos.⁵⁹ Pois o homem superior, que deve ser o alvo de qualquer educação, é aquele que recebeu “uma forma” no longo curso de sua aprendizagem.⁶⁰

Conclusão

Reformular os objetivos, os métodos, os conteúdos e as formas dos processos pedagógicos apresentados pelos estabelecimentos de ensino alemães, desatrelando-os do Estado; diminuir o número de estabelecimentos de ensino de “alto nível” e de professores sem vocação em prol de uma elevação da cultura; criar uma escola para educadores com vistas a elevar o nível de qualificação da formação dos professores e excluir os homens medíocres desta função eram, diante da modernização pedagógica alemã, as propostas de Nietzsche para se alcançar uma verdadeira educação, uma educação capaz de formar homens elevados, de transmitir uma cultura elevada. Mas, para que isso fosse possível, era fundamental que o professor fosse um educador nato, isto é, alguém com capacidade para educar a si mesmo, tomando como referência os grandes exemplos oferecidos pela história da humanidade, como Schopenhauer teria sido para o próprio Nietzsche.

De acordo com Nietzsche, a cultura superior, que seria sobretudo a cultura filosófica, não poderia ser um bem comum, como pretendia a política educacional alemã da época, que disseminava tendências que colaboravam para a massificação e mediocrização da cultura. Como afirma Larrosa, a educação para uma cultura elevada não poderia ser ministrada de modo técnico e massificado.⁶¹ Ao contrário, defende Nietzsche, ela seria privilégio de poucos, e a democratização do ensino, tornado geral, vulgar, só poderia levar a cultura alemã ao declínio. Nesse sentido, o professor era necessário na medida em que toda cultura é transmitida fundamentalmente pelo seu “poder pessoal” e não depende exclusivamente do conhecimento espontâneo dos jovens. Porém, para que esse objetivo fosse alcançado, era necessário que o professor fosse um

⁵⁹ Sobre esse assunto, Nietzsche acrescenta: “Toda cultura começa, ao contrário de tudo o que se elogia hoje com o nome de liberdade acadêmica, com a obediência, com a disciplina, com a instrução, com o sentido do dever. E, assim como os grandes guias têm necessidade de homens para conduzir, também aqueles que devem ser conduzidos têm necessidade de guias [...]”. NIETZSCHE, *Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino*, 5ª conferência, p. 158.

⁶⁰ NIETZSCHE, eKGWB, FP 19[307], verão de 1872 – início de 1873.

⁶¹ LARROSA, Jorge. *Nietzsche e a Educação*, p.39.

educador “nato”⁶², assim, ele seria capaz de colocar o aluno em contato com os “espíritos superiores” e orientá-lo no estudo das principais obras produzidas por esses indivíduos exemplares; mais do que isso, o professor mostraria a necessidade de tomar estes “grandes espíritos” como modelos e de traçar um objetivo formativo de acordo com a grandeza deles, pois um homem deve ser medido por sua cultura superior ou medíocre, afirma Nietzsche.⁶³ Portanto, a verdadeira educação consistiria em transmitir a exemplaridade e grandeza dos homens mais nobres do passado e cultivar individualidades superiores capazes de herdar essa exemplaridade, e, ao mesmo tempo, ser a condição das grandes obras que ficarão para o futuro da humanidade; uma educação como esta não pode ser uma simples função do Estado ou do mercado, ao contrário, ela deve ter a máxima liberdade e autonomia para exercer sua posição de formadora do pensamento.⁶⁴

Contrariamente, aquilo que é modernamente chamado de “Estado cultural” trazia como resultado um enfraquecimento da cultura, pois alimentava a crença de que não deve haver privilégios e, portanto, não pode haver homens superiores, que deveriam ser exatamente os propiciadores da elevação da cultura. A cultura universal seria sinônimo de “decadência”, sua intenção oculta ou manifesta seria aplaudir e exaltar o que é “adequado” ao presente por causa da sua “utilidade”: ela é a cultura que prepara para uma profissão, para o mercado.

Nos textos em que trata sobre o tema da educação, Nietzsche reconhece que as escolas alemãs tinham perdido suas bases culturais, filosóficas e científicas anteriores e que tinham se entregado indefesas aos desígnios do Estado, ou seja, à criação de um “Estado cultural”, como se não houvesse claramente uma exclusão recíproca entre Estado e cultura. Contudo, para se atingir a meta e o fim último da cultura, que seria o cultivo dos grandes homens, ela não poderia estar atrelada ao Estado. De acordo com Nietzsche, os homens, especialmente os mais bem-dotados, não deveriam ser educados para atender as necessidades de uma divisão do trabalho qualquer, para se tornarem novos “filisteus da cultura”, mas sim para se tornarem homens superiores, ou seja, “seres soberanos, capazes de abarcar o todo num golpe de olhar e assistir como espectadores o jogo da

⁶² NIETZSCHE, *Além do bem e do mal* (ABM), IV, § 63, p. 62.

⁶³ NIETZSCHE, eKGWB, FP 8[92], inverno de 1870-1871 – outono de 1872.

⁶⁴ Sobre as intenções do Estado ao ampliar o acesso à educação, Nietzsche afirma: “[...] não é a cultura da massa que deve ser a nossa finalidade, mas a cultura de indivíduos selecionados, munidos das armas necessárias para a realização das grandes obras que ficarão [...]”. NIETZSCHE, *Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino*, 3ª conferência, p. 105.

vida”⁶⁵. Como vimos, justamente para atender esse objetivo, Nietzsche propôs uma educação baseada no modelo dos grandes mestres, professores que, com sua grandeza e genialidade, fariam com que toda sociedade se elevasse culturalmente.

Embora o projeto de criação de um espaço propício para a formação desses grandes mestres – a chamada “escola dos educadores” – não tenha sido levado à frente por Nietzsche, como afirma D’Iorio⁶⁶, a ideia da criação de escolas voltadas para a cultura e educação dos professores era uma possibilidade de elevar a condição do professor como educador, de torná-lo maduro e preparado para o magistério, pois dar ensino seria um dever do homem de mais idade, com mais experiência. Por isso Nietzsche defendia a ideia de que os homens responsáveis pelo processo de formação e transmissão da cultura não deveriam ser jovens. Para o filósofo, os mestres, os guias, deveriam ser os homens maduros, cultos, que possibilitariam uma “aristocracia do espírito”, capaz de criar um espaço de liberdade diante do Estado, no qual seria possível levar adiante a tarefa fundamental da educação, a saber, a elevação da cultura, que ocorreria através da criação de novos valores, de novas interpretações e perspectivas mais afirmativas em relação à existência. Porém, contra essa ideia de elevação cultural em prol da vida, haveria, como Nietzsche diagnosticou, os interesses do Estado e do mercado, esferas que, em sua época, enxergavam a educação com o olhar utilitarista, isto é, apenas como meio para obtenção de seus fins.

Qualquer semelhança com os dias de hoje não nos parece ser mera coincidência. Diante desse diagnóstico alarmante apresentado por Nietzsche, podemos afirmar que é impossível ignorar a proximidade de suas críticas sobre o sistema educacional alemão do século XIX com as que faríamos hoje do nosso. Como ressalta Scarlett Marton, no prefácio de *Nietzsche educador*, a leitura dos escritos de Nietzsche sobre educação impressiona pela atualidade, “tomado como ferramenta de trabalho, ele nos permite lançar um olhar mais crítico sobre o momento em que vivemos”⁶⁷.

Referências Bibliográficas:

BENTHAM, Jeremy. *Uma introdução aos princípios da moral e da legislação*. Trad. de Luiz João Baraúna. Coleção: Os pensadores – 3ª ed. – São Paulo: Abril cultural, 1984.

⁶⁵ NIETZSCHE, eKGBW, FP 11[145], primavera-outono de 1881.

⁶⁶ D’IORIO, Paolo. *Nietzsche na Itália: a viagem que mudou os rumos da filosofia*, Cap. 2, p. 63.

⁶⁷ DIAS, Rosa. *Nietzsche educador*, p. 7.

CORREIA, Noéli. “A pedagogia de Nietzsche”. In. *Escritos sobre educação: Friedrich Nietzsche*. Tradução, apresentação e notas de Noéli Correia de Melo Sobrinho. 5ª ed. – Rio de Janeiro: PUC – Rio; São Paulo: Ed. Loyola, 2011.

D’IORIO, Paolo. *Nietzsche na Itália: a viagem que mudou os rumos da filosofia*. Trad. de Joana Angélica d’Avila Melo. 1ª ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

LARROSA, Jorge. *Nietzsche e a Educação*. Trad. Semíramis Gorini da Veiga. 3ª ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

DIAS, Rosa. *Nietzsche educador*. 1ª ed. – São Paulo: Scipione, 1987.

NIETZSCHE, Friedrich. *Digitale Kritische Gesamtausgabe Werke und Briefe (eKGWB) auf der Grundlage der Kritischen Gesamtausgabe Werke*, herausgegeben Von Giorgio Colli und Mazzino Montinari, Berlin/New York, Walter de Gruyter, 1967ff. und *Nietzsche Briefwechsel Kritische Gesamtausgabe*, Berlin/New York, Walter de Gruyter, 1975ff., herausgegeben von Paolo D’Iorio, 2011. Disponível em: <www.nietzschesource.org>.

_____. *Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino*. In. *Escritos sobre educação: Friedrich Nietzsche*. Tradução, apresentação e notas de Noéli Correia de Melo Sobrinho. 5ª ed. – Rio de Janeiro: PUC – Rio; São Paulo: Ed. Loyola, 2011.

_____. *I Consideração extemporânea: David Strauss como apóstolo e escritor*. Trad. Antônio Carlos Braga. São Paulo: ed. Escala, 2008.

_____. *Humano, demasiado humano*. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. *Aurora*. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. *A gaia ciência*. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. *Além do bem e do mal*. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras (bolso), 2005.

_____. *Crepúsculo dos ídolos*. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SANDEL, Michael J. *Justiça: o que é fazer a coisa certa?* Trad. de Heloísa Matias e Maria Alice Máximo. 23ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

Recebido em: 25/04/2016
Aprovado em: 03/05/2017